

Ferenczi leitor do *Witz*

Das palavras obscenas à linguagem da ternura

Daniel Kupermann,¹ São Paulo

Resumo: Ferenczi, grande interrogador do estatuto da associação livre, adotou como *Leitmotiv* “soltar as línguas” uma vez mais na psicanálise, como no gesto inaugural de Freud. Nesse artigo pretende-se investigar o estatuto da linguagem na obra ferencziana, indicando que a formulação de uma “linguagem da ternura”, presente em sua traumatogênese, é inspirada em “Os chistes e sua relação com o inconsciente”, publicado por Freud em 1905. De fato, o impacto desse escrito sobre Ferenczi é revelado em sua correspondência, dando origem ao ensaio “Palavras obscenas. Contribuição para a psicologia do período de latência”, de 1911, publicado ainda no início do percurso ferencziano. O interesse com as palavras obscenas e a sensibilidade para a linguagem da ternura foi marcado pela percepção de Ferenczi de que a linguagem que circula no setting é caracterizada por uma palavra evocativa, encarnada no corpo do analisando.

Palavras-chave: palavras obscenas, linguagem da ternura, humor, *Witz*, Sándor Ferenczi, 1873-1933

Começarei postulando uma tese central: Ferenczi foi o grande interrogador do estatuto da associação livre na psicanálise adotando como projeto – talvez como *Leitmotiv* da sua obra – a ideia que opera quase como um slogan, de *soltar as línguas* mais uma vez na psicanálise. Nesse

1 Psicanalista, presidente do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi, professor livre-docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e pesquisador bolsista do CNPq. É autor de vários artigos publicados em periódicos científicos no Brasil e no exterior, e de várias obras, com destaque para o livro *Por que Ferenczi?* (Zagodoni), também publicado na França pela Les éditions d’Ithaque com o título *Pour quoi Ferenczi? Le style emphatique dans la clinique psychanalytique, Transferências cruzadas: uma história da psicanálise e suas instituições* (Zagodoni), *Ousar rir: humor, criação e psicanálise* (Artes & Ecos) e *Estilos do cuidado: a psicanálise e o traumático* (Artes & Ecos).

sentido, entendendo que Ferenczi visava os *confins* da associação livre – a chamada regra fundamental da psicanálise –, pretendo trabalhar o estatuto da linguagem em sua obra. É importante considerar ainda que Ferenczi foi um íntimo interlocutor de Freud, com quem compartilhou os desafios e as angústias suscitadas pela experiência da clínica psicanalítica, sem deixar de lado a tensão inerente a essa interlocução, que decerto foi a interlocução mais importante da história da constituição do pensamento psicanalítico (Kupermann, 2019).

É importante ressaltar também que este artigo é inspirado em uma pesquisa mais extensa acerca do humor e da liberdade de expressão no Brasil. É fundamental retomar essa problemática nos dias hoje. Em primeiro lugar, porque só foi possível a Freud criar um método baseado na *associação livre* em um contexto histórico, social e político em que a liberdade de expressão era considerada um valor cultural. Isto é, no contexto da modernidade vienense a ideia de que liberdade de expressão é socialmente valorizada permitiu que um médico que começava a tratar as histéricas se interessasse pelo que elas tinham a dizer, e inventasse – na esteira da *talking cure* criada por Anna O. – um método psicoterapêutico baseado na *associação livre*. Isso implica dizer, em contrapartida, que em um momento em que a liberdade de expressão deixa de ser um valor em uma determinada cultura, nos cabe pensar quais serão os destinos e, mesmo, as possibilidades de um setting caracterizado pela liberdade de dizer o que ainda não se sabe que se pensa.

Em relação ao *Witz*,² acredito que temos assistido, no nosso momento político no Brasil, a um abuso cometido pelos agentes do poder de Estado por meio de um *pseudohumor* – um sarcasmo, na verdade –, que, ao contrário de produzir laço social ou riso compartilhado, busca humilhar o outro, produzindo cada vez mais o sentimento generalizado de humilhação em nosso já frágil tecido social. E essa humilhação tem efeitos nefastos, opressivos. Porém, os estudos sobre o *Witz* mostram que a humilhação também pode se transformar em força de efetiva resistência.

2 O termo alemão *Witz*, traduzido pela editora Imago como “chiste” (Freud, 1905/1980) tem, no entanto, um sentido bem mais amplo, abarcando vários fenômenos como as piadas, o cômico, os gracejos e o humor. Penso que o termo português *espirituosidade* seria, portanto, uma tradução mais adequada.

Ferenczi e o Witz

Como se pode constatar pela leitura das primeiras cartas escritas a Freud,³ Ferenczi se encantou de imediato com o livro sobre o Witz, de 1905, traduzido no Brasil como “Os chistes e sua relação com o inconsciente” (Freud, 1905/1980). E por razões bastante particulares:

- a. Ferenczi intuiu que os problemas apresentado por Freud em seu estudo sobre o Witz se oferecem tanto como a cabeceira da sua obra cultural quanto *como paradigma para se pensar a relação analítica*: na elaboração do Witz trata-se, sobretudo, de uma criar modalidade linguageira privilegiada para a expressão de um sujeito *afetado* por uma experiência emocional/pulsional, de modo a cumprir o *impulso irresistível*, como diz Freud, *de afetar*, a partir dessa experiência, o outro, aquele que Freud chama de terceira pessoa (*driette Person*), o público alvo do chiste.
- b. Nesse sentido, o modelo do chiste se ofereceria também para pensar a dimensão estética da clínica psicanalítica – seja como um apelo no sentido de ampliar a sensibilidade ou a atitude empática do psicanalista para os modos de expressão singulares do analisando, seja para pensar sobre todo o conjunto, que poderíamos chamar de “musical”, concernente à palavra do psicanalista: cadência, entonação, timbre, silêncios, acento. (Kupermann, 2003)

Observação importante: como demonstra George Pigman (1997) em célebre artigo publicado no *International Journal of Psychoanalysis*, é no livro sobre o Witz que a palavra *empatia* (*Einfühlung*) aparece o maior número de vezes na obra de Freud.

Mostrarei, assim, que o interesse preliminar de Ferenczi pelas *palavras obscenas* resulta do impacto causado pelo livro dos chistes sobre ele, e

3 Já na segunda carta da longa correspondência estabelecida entre os dois, escrita em 10/11/1908, Ferenczi dedica um parágrafo inteiro às suas pesquisas derivadas da leitura de “Os chistes e sua relação com o inconsciente” (Falzeder, Brabant & Giampieri, 1994).

evolui, ao longo de sua obra, até culminar na formulação da *linguagem da ternura* própria do infantil, tornando-o o primeiro psicanalista – talvez o único ao longo da história da psicanálise – que soube extrair *radicalmente* as consequências clínicas das formulações de Freud sobre o *Witz*.⁴

As ideias de 1911

Ferenczi publicou dois artigos em 1911 herdeiros do livro de Freud sobre o *Witz* (Freud, 1905/1980). “A psicologia do chiste e do cômico” (Ferenczi, 1911/1991c) é uma resenha do texto de Freud. O outro, bem mais decisivo para o meu argumento, é o profético “Palavras obscenas” (Ferenczi, 1911/1991b), ensaio que até o momento não parece ter recebido a devida atenção da comunidade dos estudiosos de Ferenczi.

Em “Palavras obscenas” Ferenczi aborda dois problemas: as possibilidades de expressão afetiva por parte do analisando – por meio do questionamento do estatuto da palavra em análise; e sua contrapartida, a *autorização* do psicanalista para que a associação livre possa efetivamente se dar. Esclarecendo: se Freud, com a criação da psicanálise, havia inaugurado um espaço na vida social para que se pudesse falar livremente sobre a sexualidade e as paixões, Ferenczi se espantava com o fato de os pacientes utilizarem na sessão de análise termos técnicos, e não os termos coloquiais difundidos popularmente para se referir, por exemplo, aos órgãos sexuais.

Esse problema, o da necessária autorização do psicanalista para a enunciação da palavra obscena, é o início de um largo questionamento que vai acompanhar toda a obra de Ferenczi – não apenas acerca das reais possibilidades do funcionamento da associação livre, mas da própria construção do setting analítico –, e culmina na formulação, em 1930, do “princípio de relaxamento”. De fato, em “Princípio de relaxamento e neocatarse”, Ferenczi (1930/1992g) apresenta o *Prinzip der*

4 Podemos considerar que a discussão acerca do estatuto da palavra e da expressão em psicanálise já caracteriza uma tradição compartilhada por alguns colegas do *Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi*. A esse respeito ver Renato Mezan (1993), Jô Gondar (2017), Maciel Jr., Barbosa & Carvalho (2018), Câmara, Herzog & Canavêz (2018), e Júlio Verztman (2020).

Gewährung, que foi traduzido na França por *laissez-faire* (e a edição brasileira foi, por sua vez, traduzida das *Oeuvres complètes* francesas). No entanto, uma tradução mais adequada de *Gewährung* indicaria os sentidos de *concessão*, *licença*, ou *autorização* – o que realça a percepção de Ferenczi de que o analista está sempre implicado nos fenômenos que ocorrem na clínica.

Essa talvez seja uma das razões para a “morte pelo silêncio” – *Todschweigen* – como indica Rachman (1999), que lhe foi imposta pelo establishment psicanalítico. Gosto da metáfora criada por Giselle Galdi (citado por Rachman, 1999), de que Ferenczi foi o primeiro da sua geração a combater a figura do “psicanalista teflon”, aquele em quem nada adere, que permanece incólume, apesar do exercício de afetação que lhe é imposto pela clínica.

Freud e o Witz

As ideias de Freud apresentadas em “Os chistes e sua relação com o inconsciente” abarcam várias vertentes, como demonstrei anteriormente (Kupermann, 2003); me dedicarei, nesse ensaio, apenas ao fato de que nele se encontra um esboço da teoria freudiana acerca da origem da linguagem.

Para ilustrar até aonde a discussão proposta por Freud nos conduz, me apoiarei na piada relatada por Freud intitulada “o parto da baronesa”. Trata-se, como ressalta Jean-Pierre Kamieniak (1998), da única piada que tem por personagem a mãe judia – uma futura mãe judia, no caso (o que parece indicar que, no concerne ao amor filial, Freud era um tanto ingrato).⁵ Vamos a ela:

O médico a quem se solicitou assistir a Baronesa na hora do parto, anunciou que ainda não chegara o momento de dar à luz, e propôs ao Barão que esperassem jogando cartas no cômodo vizinho. Após um momento,

5 Utilizamos aqui o texto original de Freud, uma vez que a edição brasileira da *Imago* (Freud, 1905, p. 100) suprime qualquer referência ao iídiche – acompanhando a *Standard Edition* –, referência indispensável para o nosso argumento, bem como para o entendimento da piada e dos comentários de Freud.

um queixume da Baronesa chegou aos ouvidos dos dois homens: *Ah, mon Dieu, que je souffre!* O marido levantou-se de um salto, mas o médico lhe fez sinal para que permanecesse sentado: “Não é nada. Continuemos o jogo!” Pouco depois, escuta-se novamente a parturiente gritar: *Mein Gott, mein Gott, was für Schmerzen!* [“Meu Deus, Meu Deus, que dores!”; em alemão] – “Você não quer entrar, Professor?” – perguntou o Barão. “Não, não. Ainda não é a hora.” Finalmente, escapa do quarto ao lado um inconfundível [lamento em iídiche]: *Ai, waih, waih geschrien* [“Ai, waih, waih, que dor”]. Então o médico largou as cartas e disse: “Está na hora”. (Freud, 1969, p. 86, colchetes nossos)

Em seu comentário dessa piada, Freud menciona que a dor faz com que a natureza primitiva irrompa entre as camadas de verniz cultural, manifestando-se através dessa língua original – a *língua materna* – que escapa aos lábios nos momentos em que a vida ganha sua intensidade máxima. Verdadeiro grito primitivo, a língua materna – e aqui ela é proferida efetivamente por uma mãe em trabalho de parto – é, ainda segundo o Kamieniak (1998, p. 151), “a única voz autêntica que testemunha da sua ancoragem corporal, do momento no qual o verbo e a carne estão indefectivelmente entrelaçados”.

Rousseau e o ensaio sobre as origens das línguas

Encontramos no *Ensaio sobre a origem das línguas*, de Rousseau (2003), uma teorização bastante interessante para acompanhar as reflexões ferenczianas e, sobretudo, a discussão que proponho sobre a relação entre palavras obscenas e linguagem da ternura.⁶ *Rousseau* parte do seguinte problema: o que que nos faz falar, a necessidade ou as paixões? E sua resposta, apoiada em uma antropologia histórica fantástica à moda de “Thalassa” (Ferenczi, 1924/1993) é bastante interessante. A necessidade afastava os homens, fazia com que as micro-comunidades ou hordas partissem em busca de ambientes favoráveis para se alimentar. Já

6 Convém notar a inspiração, em meu argumento, de alguns comentários da psicanalista Monique Schneider (1994) sobre o *Ensaio sobre a origem das línguas*.

o que os uniu foram as paixões. A necessidade poderia prover ou fazer com que os homens tenham se utilizado dos primeiros gestos, porém as vozes tiveram origem nas paixões. Rousseau tece um argumento que nos recorda outro ensaio de Ferenczi, “O desenvolvimento do sentido de realidade” (1913/1992d), no qual lemos que na constituição subjetiva o gesto antecede a palavra – ainda que, para Ferenczi, ambos seriam movidos pelas paixões, sobretudo pela vontade de poder, nomeada por Ferenczi de “onipotência”. Haveria, assim, uma genealogia que apontaria para o fato de que a pura necessidade não carece da voz. Lemos em Rousseau acerca da origem das línguas:

Todas as paixões aproximam os homens, forçados a se separarem pela necessidade de procurar os meios de vida. Não foi a fome nem a sede, mas o amor, o ódio, a piedade, a cólera que lhes arrancara as primeiras vozes. Os frutos não fogem de nossas mãos, deles é possível alimentar-se sem falar, persegue-se em silêncio a presa que se quer comer: porém, para comover um jovem coração, para repelir um agressor injusto, a natureza dita acentos, gritos, lamentos. Eis as mais antigas palavras inventadas, e eis porque as primeiras línguas foram cantantes e apaixonadas antes de serem simples e metódicas. (2003, p. 106)

Desse modo, para Rousseau, a primeira língua seria um canto, uma língua melódica, musical.

A piada do parto da Baronesa, evocada por Freud, que recorre ao grito e à melodia do lamento (*Ai, waih, waih geschrien*, exclama a Baronesa), termina com uma referência a um *dialeto*, o iídiche. O iídiche é um híbrido, uma mistura de alemão com hebraico com um *acento* bastante específico, utilizado no passado pelos judeus da Europa Oriental – um ambiente bastante hostil – para poder se comunicar sem serem entendidos pelos gentios.

No capítulo 6 do *Ensaio sobre a origem das línguas*, no qual discute se Homero sabia ou não escrever, Rousseau se refere justamente ao dialeto. Porque Rousseau entende que Homero cantava seus versos, o que é diferente de ler a *Ilíada*, ou a *Odisseia*, ou mesmo de escutá-las

em grego. Para Rousseau, os dialetos eram diferenciados justamente pelo emprego cantado, melódico, da palavra enunciada de *viva voz*. Com a escrita, os dialetos passaram a se confundir e, finalmente, a se pasteurizar. A diversidade dos dialetos usados por Homero criaria um preconceito civilizatório muito forte. “Tudo se reporta insensivelmente ao modelo comum. Quanto mais uma nação lê e se instrui, mais seus dialetos desaparecem”, escreve Rousseau (2003, p. 120). E mais adiante: “Uma língua que possui somente articulações e vogais possui, portanto, apenas a metade de sua riqueza: ela exprime ideias, é verdade, porém para exprimir sentimentos, imagens, precisa ainda ter ritmo e sons, isto é, uma melodia”; eis o que, segundo Rousseau, caracterizava, na origem, a língua grega, e o que faltaria a nossa (2003, p. 148).

Por que Ferenczi?

Retomarei agora, brevemente, o que se pode considerar como a teorização acerca da origem da linguagem em Ferenczi. Em 1913, ou seja, dois anos depois de se debruçar sobre “Os chistes...”, Ferenczi inicia seu questionamento acerca dos processos de simbolização. Em “O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios” Ferenczi (1913a) apresenta a hipótese de que o processo de simbolização obedece ao sentido do resgate de uma experiência de *onipotência incondicional* vivida pelo feto no útero materno. Com o nascimento, adviria o *período da onipotência alucinatoria mágica*. Depois, a *onipotência com ajuda dos gestos mágicos* e, finalmente, teríamos o *período dos pensamentos e palavras mágicas*.

Assim, a concepção ferencziana é de que a palavra não é apenas um modo de expressão, mas também a expressão de uma experiência de onipotência criadora, nunca totalmente perdida, e de uma potência psicossomática (toda expressão é também corpórea) – a palavra ferencziana resguarda uma relação importante com o gesto, que sobrevive na forma do canto que impregna toda emissão da voz. A palavra-gesto, a palavra-corpo, preserva o poder de afetação do outro e, portanto, o poder de influenciá-lo. A palavra para Ferenczi é mágica apenas porque enunciada

em uma zona de indiscernibilidade com o corpo – o corpo próprio e o corpo do outro –, e com o que chamamos de objeto na psicanálise.

O exemplo de “palavra mágica” que nos é oferecido por Ferenczi (1913b) não deixa, também, de nos remeter às palavras obscenas. Ferenczi relata: um menino de um ano e meio que vê pela primeira vez o Danúbio e exclama, maravilhado: “quanto cuspe!”⁷ Entende-se, portanto, que a enunciação da palavra “mágica” resgata tanto a espontaneidade da forma popular quanto a potência do erótico – intrínsecas ao termo cuspe –, uma vez que o corpo está implicado na expressão languageira.

Em “Palavras obscenas” lemos: “A palavra obscena encerra um poder particular que obriga, de algum modo, o ouvinte a imaginar o objeto denominado, o órgão ou as funções sexuais, em sua realidade material” (Ferenczi, 1911/1991b, p. 111).⁸ Voltando ao exemplo do menino extasiado diante do Danúbio, no uso da palavra exemplificado por Ferenczi não há exatamente uma distinção, uma separação entre a experiência do menino e a imensidão do Danúbio: o menino é, efetivamente, um *menino do rio* (Caetano Veloso gostaria de ler Ferenczi). Além disso, encontramos aqui também uma referência à língua materna, à palavra ancorada na corporeidade.

Voltando a Freud, e ao livro sobre o Witz. Freud (1905/1980) descreve três momentos do processo de constituição subjetiva nos quais se emprega a palavra com vistas a obtenção de prazer: o jogo, o gracejo e a piada propriamente dita. Recordando: o jogo, *Spiel* em alemão, seria simplesmente a troca estabelecida entre mãe e bebê por meio da enunciação de fonemas cantados. A mãe repete ludicamente os fonemas expressos pelo bebê e, ao mesmo tempo, fala com ele constituindo uma modalidade languageira que alguns autores nomearam de *manhês* – o *manhês* configura os primórdios da língua materna. O jogo languageiro se assemelha, portanto, ao canto; o *manhês* é um canto que a mãe dirige

7 Comentário proferido durante a conferência, rebaixado à nota de rodapé: se fosse em São Paulo e a criança fosse levada para ver o rio Tietê provavelmente sua exclamação seria ainda mais próxima das palavras obscenas.

8 Mais adiante: “Freud escreve: pelos enunciados das palavras obscenas, ele que é o gracejo indecente (o chiste indecente) obriga a pessoa agredida a imaginar a parte do corpo ou a função em questão” (Ferenczi, 1911/1991b).

ao bebê. Depois adviria o gracejo, cujo exemplo maior é o trocadilho, que também nos remete à musicalidade da língua. Trata-se, no gracejo, já da palavra utilizada de acordo com as regras de gramática. Finalmente teríamos o chiste, a piada, que se refere à suspensão do recalçamento e à satisfação das pulsões sexuais e agressivas.

Há, então, em Freud, distintas concepções acerca do prazer obtido com o emprego da linguagem. E, arriscando uma ponte com Ferenczi, encontraríamos na linguagem da ternura algo que está presente em cada uma das modalidades de uso da palavra indicadas por Freud. Seja no jogo, no gracejo ou no chiste, há um aspecto puramente melódico da linguagem, referido ao som, ao ritmo, ao acento. Uma dimensão referente à palavra ancorada no corpo, que permite resgatar a dimensão criadora (evocativa) da linguagem.

Introjeção, empatia e a linguagem da ternura na clínica psicanalítica

Com a conceituação inédita da *introjeção*, Ferenczi (1909/1991d; 1912/1991a) concebe a expansão pulsional em direção aos objetos a partir do estabelecimento de uma zona de indiscernibilidade entre eu e outro. Trata-se de um movimento que parte do autoerotismo se dirigindo aos objetos sem conceber a necessidade da intermediação de uma unidade narcísica, afirmando um monismo primordial. Lemos: “é essa união entre os objetos amados e nós mesmos, essa fusão desses objetos com nosso ego, que designamos por *introjeção*” (1909/1991d, p. 182). Não se trata, para Ferenczi, de um estágio da constituição subjetiva a ser superado pela unidade narcísica; quer dizer, o processo introjetivo jamais cessa, sendo fundamental para a continuidade da produção de sentido para o sujeito ao longo da vida. A *introjeção* implica, portanto, habitação de um espaço “entre” sujeito e objeto cujo exemplo ilustrativo seria o das secreções e dos excrementos do corpo que, efetivamente, se oferecem para Ferenczi (1928/1992a e 1992e, p. 7) como “algo de intermediário” (*Zwischending*).

Quando o bebê golfa, espalha com júbilo sua golfada pela superfície úmida, quer dizer, expande-se para o mundo a partir das sensações corpóreas e de suas produções. Esse processo é nomeado por Ferenczi de “sexualização do universo” (1913/1992f, p. 107). Mas afirmar que o universo é sexualizado é também conceber que as relações simbólicas derivam de uma intimidade profunda e persistente entre o corpo e o campo dos objetos. Há uma passagem célebre que postula que primeiro o bebê gosta da saciedade, depois do objeto que proporciona essa saciedade (Ferenczi, 1909/1991d). Assim, é de um Eu afetado pelas sensações provocadas nos encontros com o outro – Freud (1915/2015), assumindo a inspiração ferencziana, o chama de “Eu-real” original derivado das zonas erógenas, anterior à distinção da experiência sensível e da percepção objetiva, do eu e da alteridade – que sujeito e objeto se constituem.

Votando a clínica após esse pequeno desvio metapsicológico, pode-se afirmar que, para Ferenczi, a experiência empática é devedora dessa mesma experiência de “fusão” entre o Eu e o outro própria da fase da introjeção constitutiva da subjetiva. Então, não seria exagero afirmar que a clínica psicanalítica inspirada por Ferenczi precisaria promover, ou facilitar, a possibilidade da experiência introjetiva, ou seja, de uma zona de indiscernibilidade entre analista e analisando – e a regressão e o jogo compartilhado dizem respeito justamente a isso (Ferenczi, 1931/1992b).

Ferenczi ilustra esse processo em uma passagem de “Confusão de línguas entre os adultos e a criança” em que afirma:

os pacientes não se impressionam com uma expressão teatral de piedade, mas apenas com uma simpatia autêntica. Não sei se a reconhecem no tom da nossa voz, na escolha de nossas palavras, ou de alguma outra maneira. Seja como for, adivinham, de um modo quase extra lúcido, os pensamentos e as emoções do analista. (1933/1992c, p. 101)

A palavra também é um objeto intermediário gerado no encontro entre Eu e outro.

A empatia guarda, assim, uma estreita relação com a “união”, e/ou “fusão” entre o *si* e os objetos que caracterizam a introjeção. Ela é, como indiquei anteriormente,

índice da insuficiência com que nos deparamos cada vez que buscamos definir o sujeito em referência à sua individualidade; aponta para a nossa *permeabilidade psíquica* – que entra em cena a cada vez que nos disponibilizamos ao exercício de afetação que se superpõe ao espaço transferencial nas análises. Tal como uma música que preenche determinado ambiente passando, no entanto, muitas vezes despercebida, a empatia cria um espaço intermediário, uma ponte, que favorece a constituição de um plano de afetação entre os parceiros da experiência clínica e que possibilita ao analista acesso estético ao inconsciente do analisando, muitas vezes sem a necessidade de que este se expresse em palavras. (Kupermann, 2019, p. 114)

Evoco, ainda, a sistematização de Perla Klautau Pimentel e do Nelson Coelho Junior (2009), que discrimina três dimensões da experiência empática: como modalidade de escuta (ou de conhecimento do outro), quer dizer, empatia caracteriza efetivamente uma experiência estética; como forma de comunicação; e ainda como fator terapêutico.

Na inserção de 12 de abril de 1932 do *Diário clínico* encontram-se dois comentários que podem ilustrar a importância dada por Ferenczi à empatia em seu estilo clínico. No primeiro, a partir de uma autocrítica da sua atitude em relação a uma paciente, Ferenczi escreve: “Ao invés de sentir com o coração, sinto com a cabeça. A cabeça e o pensamento ocupam o lugar da libido” (1932/1990 p. 123). Em outro momento lemos: “Em definitivo, eu queria dizer que quando duas pessoas conversam, trata-se efetivamente de um diálogo não só do consciente, mas também dos dois inconscientes”; isso porque a relação transferencial favoreceria “extraordinariamente a instauração de manifestações de receptividade mais afinadas” (p. 122).

Na clínica ferencziana não existe, a princípio, uma polarização entre transferência ou empatia, mas certamente há um privilégio atribuído por Ferenczi à empatia em função da sua concepção da constituição da

linguagem da ternura e, conseqüentemente, de circulação da palavra na clínica psicanalítica. Em alemão a palavra ternura, *Zärtlichkeit*, se refere tanto à expressão afetiva, quanto ao cuidado dirigido a alguém a quem se ama. A clínica psicanalítica, de acordo com Ferenczi, é caracterizada pela “atmosfera psicológica” que favorece a circulação da linguagem da ternura, o que permite o contato afetivo com nossos pacientes.

Proponho, então, a diferença entre a interpretação clássica – como uma fala *sobre* a criança que aparece no discurso do analisando –, de uma comunicação por meio da linguagem da ternura por parte do analista, como uma maneira de falar *com* a criança que habita cada analisando. E, para Ferenczi, apenas a análise do próprio psicanalista, atuando sobre as suas resistências, poderia facilitar o acesso à sensibilidade empática, vencendo as suas resistências e o que ele chamou, provocativamente, de “surdez obtusa dos analistas” (1932/1980, p. 122). Assim, o analista poderá fornecer a necessária “autorização” para a enunciação da palavra encorpada capaz de produzir sentido para o analisando.

A guisa de conclusão

Concluirei com uma piada do livro de Freud sobre o *Witz*. Ferenczi (1911) a cita; aliás, ele faz referência apenas a duas piadas na resenha que publicou sobre “Os chistes e sua relação com o inconsciente”, a “Famillionaire”, e essa. Chama-se “Sereníssimo e paternidade”, no índice dos chistes (Freud, 1905/1980, pp. 276-277). É uma piada que diz respeito, evidentemente, às relações de poder:

Um Sereníssimo estava dando uma volta por suas províncias e notou na multidão um homem, extraordinariamente semelhante à sua própria pessoa. Acenou, convocando-o, e perguntou-lhe: “Sua mãe esteve alguma vez a serviço do Palácio?” – “Não, alteza”, foi a réplica, “mas meu pai esteve”. (Ferenczi, 1932/1980, p. 86)

Freud comenta: eis o modo como o homem da multidão (é interessante ele usar essa expressão, o “homem da multidão”) se rebela

e se vinga contra as forças que o oprimem. Acredito que essa é uma boa maneira de recuperar a ideia de que a psicanálise só é possível em um contexto sociocultural no qual a liberdade de expressão é um valor. Porque enunciar a “palavra certa” (Guimarães Rosa), é de algum modo deixar de se vitimizar.

Ferenczi lector del *Witz*: de las palabras obscenas al lenguaje de la ternura

Resumen: Ferenczi, gran interrogador del estatuto de la libre asociación, adoptó como *Leitmotiv* “soltar las lenguas” una vez más en el psicoanálisis, como en el gesto inaugural de Freud. En este artículo pretendemos investigar el estatuto del lenguaje en la obra ferencziana, indicando que la formulación de un “lenguaje de la ternura”, presente en su traumatogénesis, se inspira en “Los chistes y su relación con el inconsciente”, publicado por Freud en 1905. De hecho, el impacto de este escrito en Ferenczi se revela en su correspondencia, dando lugar al ensayo “Palabras obscenas. Contribución a la psicología del período de latencia”, de 1911, publicado al principio del periplo de Ferenczi. El interés por las palabras obscenas y la sensibilidad hacia el lenguaje de la ternura estuvieron marcados por la percepción de Ferenczi de que el lenguaje que circula en el setting se caracteriza por una palabra evocadora, encarnada en el cuerpo del analizado.

Palabras clave: palabras obscenas, lenguaje de la ternura, humor, *Witz*, Sándor Ferenczi, 1873-1933

Ferenczi reader of the *Witz*: from obscene words to the language of tenderness

Abstract: Ferenczi, who notably questioned the status of free association, once again adopted “loosen the tongues” as a *Leitmotiv* in psychoanalysis in a nod to Freud’s inaugural gesture. In this article we intend to investigate the status of language in Ferenczian work, indicating that the formulation of a “language of tenderness”, present in his traumatogenesis, is inspired by “The jokes and its relation to the unconscious”, published by Freud in 1905. In fact, the impact of this writing on Ferenczi is revealed in his correspondence, giving rise to the essay “Obscene words. Contribution to the psychology of the latency period”, from 1911, published at the beginning

of Ferenczi's journey. The interest with obscene words and the sensitivity to the language of tenderness was marked by Ferenczi's perception that the language that circulates in the setting is characterized by an evocative word, incarnated in the body of the analysand.

Keywords: obscene words, language of tenderness, humor, Witz, Sándor Ferenczi, 1873-1933

Referências

- Câmara, L.; Herzog, R. & Canavêz, F. (2018). A palavra e o corpo: impressão e expressão na teoria ferencziana. In A. Maciel Jr. (Org.), *Trauma e ternura: a ética em Sándor Ferenczi*. 7 Letras.
- Falzeder, E.; Brabant, E. & Giampieri, P. (Eds.). (1994). *Sigmund Freud & Sándor Ferenczi: correspondência* (Vol. 1. Tomo 1, 1908-1911). Imago.
- Ferenczi, S. (1990). *Diário clínico*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1932)
- Ferenczi, S. (1991a). O conceito de introjeção. In S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 1). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1912)
- Ferenczi, S. (1991b). Palavras obscenas. Contribuição para a psicologia do período de latência. In S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 1). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1911)
- Ferenczi, S. (1991c). A psicologia do chiste e do cômico. In S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 1). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1911)
- Ferenczi, S. (1991d). Transferência e introjeção. In S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 1). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1909)
- Ferenczi, S. (1992a). A adaptação da família à criança. In S. Ferenczi, *Psicanálise IV* (Obras completas de Sandor Ferenczi, 4). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928)
- Ferenczi, S. (1992b). Análise de crianças com adultos. In S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 4). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1931)
- Ferenczi, S. (1992c). Confusão de línguas entre os adultos e a criança. In S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 4, pp. 111-121). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933)
- Ferenczi, S. (1992d). O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. In S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 2). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1913)
- Ferenczi, S. (1992e). A elasticidade da técnica psicanalítica. In S. Ferenczi, *Obras completas*. (Vol. 4, pp. 29-42). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928)
- Ferenczi, S. (1992f). Ontogênese dos símbolos. In S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 2). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1913)

- Ferenczi, S. (1992g). Princípio de relaxamento e neocatarse. In S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 4). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1930)
- Ferenczi, S. (1993). *Thalassa*, ensaio sobre a teoria da genitalidade. In S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 3). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (1969). Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten. In *Gesammelte Werke* (Vol. 6). S. Fischer Verlag.
- Freud, S. (1980). Os chistes e sua relação com o inconsciente. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 8). Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud S. (2015). As pulsões e seus destinos. Fundamentos da clínica psicanalítica. In S. Freud, *Obras incompletas de Sigmund Freud* (Vol. 2). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1915)
- Gondar, J. (2017). As coisas nas palavras: Ferenczi e a linguagem. In E. S. Reis & J. Gondar, *Com Ferenczi: clínica, subjetivação, política*. 7 Letras.
- Kamieniak, J.- P. (1998). Freud, un enfant de l'humour? *Topique – revue freudienne*, 66. L'Esprit du temps.
- Kupermann, D. (2019). *Por que Ferenczi?* Zagodoni.
- Kupermann, D. (2003). *Ousar rir: humor, criação e psicanálise*. Civilização Brasileira.
- Maciel Jr., A.; Barbosa, M. T. & Carvalho, M. S. (2018). A língua menor da ternura, confusão de língua e bilinguismo em psicanálise. In A. Maciel Jr. (Org.), *Ternura e ternura: a ética em Sándor Ferenczi*. 7 Letras.
- Mezan, R. (1993). Do autoerotismo ao objeto: a simbolização segundo Ferenczi. *Percurso*, 6(10), 19-30.
- Pigman, G. W. (1997). Freud e a história da empatia. *Livro Anual de Psicanálise*, 11, 123-142.
- Pimentel, P. K. A. & Coelho Jr., N. (2009). Algumas considerações sobre o uso da empatia em casos e situações limite. *Psicologia Clínica*, 21(2), 301-314. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652009000200004>
- Rachman, A. (1999). Ferenczi's Rise and Fall from "Analytic Grace": The Ferenczi Renaissance Revisited. *Group*, 23(3/4), 103-119. <http://www.jstor.org/stable/41718912>
- Rousseau, J.- J. (2003). *Ensaio sobre a origem das línguas*. Unicamp.
- Schneider, M. (1994). *Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud*. Escuta.
- Verztman, J. (2020). Algumas consequências teórico-clínicas da noção de confusão de línguas. In Kupermann, D., Gondar, J. & Dal Molin, E. C. (Orgs.). *Ferenczi: inquietações psicanalíticas*. Zagodoni.

Daniel Kupermann

danielkupermann@gmail.com